

Aventuras de um editor de textos críticos gregos

RUI MIGUEL DE OLIVEIRA DUARTE

Universidade de Aveiro — Praxis XXI

Abstract: How do we reach the edited text? In this study, we attempt to provide a practical account of the problems that the critical editor may experience, by referring to a concrete text: the anonymous scholia Walz vol. VII 104-245 to Hermogenes of Tarso, , Περὶ στάσεων.

Keywords: codex/manuscript, copy, *collatio*, *recensio*, *iudicium*, variant, error, *constitutio textus*, *stemma*, text criticism, Greek paleography, ecdotics, critical apparatus.

1. Introdução

A edição de textos clássicos compreende grande número de componentes e igualmente de exigências e incógnitas. Para chegar à forma final do texto que se propõe editar, o editor deve dominar um amplo leque de matérias e campos de investigação: o conhecimento sincrónico do sistema da língua em questão, em função do momento histórico em que o texto foi produzido; os géneros e cânones literários; os hábitos linguísticos e estilo do autor; a paleografia, num âmbito alargado que cubra as características da escrita de cada período histórico ou de cada lugar, de cada *scriptorium*, dos tipos de letra usados, dos métodos de trabalho de cada copista; a codicologia, que se ocupa da situação do livro no seu momento histórico-cultural e da interpretação das formas de leitura ou relação com o texto expressas no suporte material; a história da cultura e das mentalidades do tempo e lugar em que se insere o texto. Sendo como que um generalista, o seu saber não deve ficar nas generalidades; antes deve ser profundo e especializado. O editor deve ser um filólogo, diria, *perfecto sensu*.

Em Portugal, poucas são as pessoas que trabalham em crítica textual e edições críticas de textos gregos¹. Não sendo eu propriamente

¹ Tanto quanto é do meu conhecimento, somente a Prof. Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, da Universidade de Coimbra, a quem se deve, por exemplo,

um especialista na ciência da crítica textual, mas um neófito, gostaria ainda assim de partilhar alguns problemas que podem surgir na preparação de um trabalho de edição de textos gregos, bem como das soluções que se podem propor. Correndo também o risco de a exposição se tornar demasiado generalista, considero não obstante que ela tem uma vantagem: o objecto de análise é um texto concreto, bem como os problemas sobre os quais ela incidirá, ainda que estes últimos possam ser genéricos e comuns na crítica textual e na paleografia gregas. O meu intuito é preeminentemente pedagógico. O trabalho pretende, pois, revestir-se de um certo carácter de divulgação. É por este motivo que se achou conveniente proceder previamente a uma breve definição de domínios e conceitos operativos da crítica textual. Esta definição não será exaustiva nem pretende esgotar toda a disciplina da crítica textual, mas restringir-se-á deliberadamente àqueles a que se recorrerá nesta exposição. O seu sentido e aplicação tornar-se-ão mais claros ao longo da mesma.

2. Objecto de trabalho

O texto a examinar são escólios (comentários) anónimos ao tratado retórico *Περὶ στάσεων* de Hermógenes de Tarso (sécs. II-III d.C.), editados pela primeira vez (e única, até à data) por Christian Walz, colecção *Rhetores Graeci* vol. VII pp. 104-696, ou mais especificamente os materiais textuais referentes às pp. 104.1-245.4 e correspondentes aos dezasseis primeiros capítulos dos escólios. Estes escólios encontram-se numa família de manuscritos, designada como **P** na edição de Hermógenes de Hugo Rabe², e que compreende, como testemunhos manuscritos mais antigos e principais (além de vários apógrafos):

a edição de Pausânias para a Teubner. Isto sem prejuízo de haver alguns outros bons críticos de edições de textos gregos, como é o caso do Prof. Doutor Frederico Lourenço, do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. A razão principal para esta escassez de especialistas portugueses será, sem dúvida, a falta de fundos de manuscritos grego; toda a actividade no domínio da crítica textual desenvolvida por portugueses exige também deslocações e longas permanências no estrangeiro.

² Todas as referências ao texto de Hermógenes se reportam a esta edição.

Parisinus graecus 1983, Paris, Bibliothèque Nationale de France, pergaminho, 260 x 215mm, séc. XI, 295 ff. (escólios W7 104.1-245.4 = ff. 44r-59v.54).

Parisinus graecus 2977, Paris, Bibliothèque Nationale de France, perg., 232 x 169 mm., séc. XI, 344 ff. (escólios W7 104.1-245.4 = ff. 60r-79v.47).

Utilizar-se-ão na análise estes dois manuscritos, além de um terceiro:

Parisinus graecus 2916, Paris, Bibliothèque Nationale de France, papel, 340 x 250 mm, séc. XIII, ff. 68r-95r.9 = Par.2 W7.

3. Siglas

Para facilidade de referência — e como é hábito nas edições críticas —, far-se-á uso de um conjunto de siglas³, cuja explanação se encontra apensa a este estudo (ver ANEXO I):

4. Definição de domínios

Os conceitos operativos a utilizar são os seguintes:

Testes (testemunhos): são cada um dos exemplares manuscritos do texto utilizados para a *collatio* de variantes. Referir-se-ão ora como manuscritos ora como códices (singular latino *codex*). *Codex* designa o formato de livro do qual deriva o actual, composto inicialmente de tábuas de madeira (donde o nome *codex*, de *caudex* “tronco, caule de árvore”) unidas de um lado mediante um fio, ou de folhas de papiro cosidas e de vários cadernos agrupados e cosidos em um único livro.

Uncial: tipo de escrita em caracteres maiúsculos. Deve a designação às dimensões em que inicialmente eram redigidos os caracteres: uma úncia (*uncia*) ou polegada de altura, a duodécima parte

³ As identificadoras dos manuscritos são as de H. Rabe. São duas as exceções: a que identifica o Monacensis 8 (Mb), tomada de Stephan Glöckner Stephan Glöckner, *Die Handschriften der P-Scholien zu Hermogenes Περὶ τῶν σπέρσεων* (Breslau (hoje Wrocław) 1928) 5 (cf. infra n. 10); a que identifica o arquétipo perdido, normalmente Ω.

do pé⁴. O termo designa também um ms. redigido com este tipo de escrita. Foi o tipo de escrita normal até cerca do século IX da nossa era.

Minúsculo: tipo de escrita que se generalizou nos textos gregos a partir do séc. IX d.C. Tem a sua origem na normalização e equalização da escrita cursiva que, durante vários séculos, coexistira com a uncial⁵. A designação “minúscula” aplica-se também, por sinédoque, a um ms. em que se utiliza este tipo de escrita. Esta escrita caracterizava-se em geral, relativamente à uncial, por apresentar caracteres de menores dimensões e um traço mais cursivo, o que permitia uma optimização do espaço disponível no fôlio para escrita.

Recensio (recensão): reunião e avaliação dos materiais (testemunhos) necessários para a elaboração da edição; engloba um leque de várias operações: a colação e a estemática.

Collatio (colação): consiste na comparação sistemática das variantes dos diversos testemunhos.

Iudicium (juízo): o trabalho de colação de variantes e fixação do texto não é meramente mecânico, antes não exclui uma certa subjectividade. Com efeito, existe a necessidade da intervenção do juízo crítico pessoal do editor. Este deverá basear-se em critérios claros e que, tanto quanto possível, expurguem a subjectividade do *iudicium*. Tal intervenção é imprescindível, sempre que a tradição de determinado texto se encontra corrupta. É o juízo crítico que determina a escolha de uma variante em detrimento de outra e é com base nele que o editor pode proceder a *emendationes* e formular conjecturas.

Estemática: este termo provém de *stemma* e designa genericamente, para Paul Maas, o método mediante o qual se procura determinar as relações entre os mss., com base nos erros significativos, com o objectivo de estabelecer o *stemma* dos mesmos.

Stemma codicum: feita a colação de todos os testemunhos disponíveis de um texto, elaborar-se-se-á um *stemma* dos códices, isto é,

⁴ Uma *uncia* representa a duodécima parte de um todo: como unidade de peso, de uma libra, correspondendo a uma onça; como unidade de medida, de um pé, correspondendo a uma polegada.

⁵ Cf. B. A. van Groningen, *Greek paleography* (Leiden 1967) 32.

uma figura esquemática da genealogia dos mesmos, que permite visualizar as respectivas relações de dependência, e quais mss. são apógrafos de tais outros.

Arquétipo: modelo por oposição a apógrafo, testemunho mais antigo conhecido (ou perdido, mas suposto indutivamente pela colação dos testemunhos existentes) de um texto e a partir do qual deriva a tradição do mesmo. Quando se trata de um ms. perdido, reconstituem-se as lições respectivas indutivamente, com base no acordo das lições dos seus descendentes. É o caso do nosso texto.

Codices descripti (apógrafos): são os mss. considerados copiados de um outro. Para a determinação de tais relações de dependência, toma-se por base a colação das variantes e a inventariação das significativas. Outro factor a ter em conta é a idade do ms.: um ms. mais antigo não pode, obviamente, ser apógrafo de outro mais recente; se apresentam erros conjuntivos, porém, é provável a relação inversa.

Variante/lição (*lectio*): é cada uma das lições (ou leituras) divergentes dos testemunhos de um texto.

Error: alteração de um texto produzida no processo de cópia.

Errores significatiui: designam-se por significativos, na estemática maasiana⁶, aqueles que permitem funcionalmente estabelecer relações entre os manuscritos. Dividem-se em:

coniunctiui (conjuntivos): aqueles que demonstram que dois ou mais mss. estão relacionados entre si;

separatiui (separativos): aqueles que, pelo contrário, por divergirem de ms. para ms., demonstram que um é independente do outro.

Salto do mesmo ao mesmo: tipo de erro mecânico que consiste em saltar de um elemento da frase para outro semelhante, com omissão do primeiro dos dois elementos e a passagem imediata à cópia do seguinte.

⁶ Paul Maas, *Textkritik* (Leipzig 1927). É o tratado clássico e formulador da estemática e um dos ensaios teóricos de charneira da disciplina da crítica textual. Deixamos propositadamente fora do âmbito deste trabalho todos os demais autores e desenvolvimentos que a disciplina da crítica textual conheceu, de Lachmann (1793-1851) até aos nossos dias, incluindo estudiosos como A. C. Clark, Alphonse Dain, Giorgio Pasquali, Jean Irigoin. Para uma síntese, vd. Alberto Bernabé, *Manual de crítica textual y edición de textos griegos* (Madrid 1992) 47-82.

Tais omissões devem-se a homeoteleuto, situação em que duas palavras muito próximas têm a mesma terminação. Esta é uma tipologia corrente de omissões na transmissão de textos.

Correctio/emendatio/coniectura: os primeiros dois termos são sinónimos e designam a operação de correcção dos erros inventariados no texto. Quando, porém, o editor não tem ao dispor nenhum testemunho donde possa escolher a lição do texto que se considere a mais próxima da original, propõe uma correcção, que se não encontra documentada em nenhum testemunho, mas se baseia na aplicação do *iudicium* crítico. A esta chama-se “conjectura”.

Contaminatio (contaminação): assim se designam as situações em que uma cópia depende de mais do que um modelo.

Constitutio textus (constituição do texto): designa a fase do trabalho de edição em que se procede à escolha das melhores lições, com a finalidade de fixar o texto que se considere mais próximo possível do original.

Aparato crítico: lugar ou secção da página impressa onde se lançam as variantes textuais. É obrigatório nas edições críticas. Vem no fundo da página, abaixo do texto. Nas edições de textos clássicos, é redigido em latim. Há dois tipos de aparatos críticos: o positivo, que compreende o registo da variante escolhida e dos testemunhos que a fornecem ou, se se trata de uma conjectura, do seu autor, mais o das variantes preteridas; e o negativo, que compreende o registo unicamente das variantes preteridas e respectivos testemunhos. Um segmento textual a que se reportam variantes registadas no aparato crítico designa-se por “unidade crítica”.

Aparato de fontes: aparato onde se dá informação sobre as fontes literárias do texto editado. Havendo um aparato de fontes, este vem na página logo abaixo do texto e precedendo o aparato crítico.

Ecdótica: vai mais além da crítica e envolve um conjunto de problemas relacionados com a produção de textos editados e engloba operações secundárias relativamente às críticas propriamente ditas, que, partindo destas, se reflectem no texto editado. Refiram-se, entre outros,

problemas como a ortografia, a apresentação da página, convenções tipográficas ou a correcção de provas.

Escólio: comentário a um texto.

Lema: palavra ou grupo de palavras do texto objecto de comentário por um escólio.

5. Recensão de casos

Vamos seguidamente proceder ao exame preciso de problemas de diversa ordem suscitados na colação dos mss. Comprovar-se-á, entre outras coisas, a dependência de Pb em relação a Pa e simultaneamente a separação de Pc, como ramo diverso da tradição. O exame incidirá sobre quarenta e seis exemplos representativos, registados no quadro de colação em ANEXO III.

5.1. Questão prévia

Problemas fonológicos: iotacismo

Fenómeno comumente responsável pela produção de erros é o iotacismo (ou itacismo). Deve-se este à redução, no sistema vocálico grego, das grafias ι, ει, η, υ, e ου ao fonema único /i/. Outro semelhante é a pronúncia /e/ de ε e αι. Perante o modelo, o copistas têm vários comportamentos possíveis: ora são críticos no seu trabalho, julgam que o modelo está ortograficamente corrupto — seja esse juízo acertado ou erróneo — e o corrigem, mediante a homofonia que parecer adequada no caso particular; ora copiam a variante tal qual a lêem, meramente como copistas e não também como leitores críticos do texto que copiam; ora a copiam não como a lêem, mas como a ouvem, igualmente desatentos da leitura crítica, escrevendo uma homofonia. Os quatro casos de iotacismo que cito (exs. nº 2, 7, 18 e 40) constituem variantes conjuntivas de Pa+Pb e separativas relativamente a Pc:

Nº 2: erro do copista de Pa, transmitido a Pb. A lição correcta é, portanto, a de Pc: cf. infra Pa 44r.6.

Nº 7 εστη Pc: εστι Pa (o signo de abreviatura tradicional para esta forma verbal era ) εσται Pb. O texto diz:

"Πολλῶν" εἰπῶν οὐκ ἔσται μέχρι τούτου, ἀλλ' ἐπήνεγκε κατὰ αὔξησιν τὸ "μεγάλων".

"Ao dizer 'sendo muitos' não se ateuve a este atributivo, mas amplificou-o, acrescentando 'e importantes'".

Pb substitui pela forma de futuro ἔσται.⁷ Neste contexto, compreende-se melhor o verbo ἴστημι (no caso vertente, forma do aoristo intransitivo activo) do que o verbo εἰμί. Consequentemente, a lição a editar é a de Pc.

N^a 18: Neste caso, o erro de leitura é de Pc. A lição correcta será, portanto, εὐκρίνειαν "pureza, clareza". O vocábulo εὐκρίνοια é inexistente.

N^a 40 ὅπη τύχοι Acha-se aqui uma confusão não apenas fonológica como também certamente sintáctica entre conjuntivo (τύχη) e optativo (τύχοι):

καὶ ἐλλείπειν πολλάκις μὲν τὸ πρόσωπον ὅπη τύχοι, πολλάκις δὲ τὸ πρᾶγμα ἐν τοῖς διπλοῖς στοχασμοῖς

"a pessoa está frequentemente omissa por toda a parte (ou "onde quer que seja"); mas a omissão do acto é frequente nas conjecturas duplas".

O contexto indicia uma noção de indefinição, que sintáctico-semanticamente melhor justifica o optativo atestado por Pa. Será, pois, esta a lição a editar, lançando em aparato a variante em conjuntivo.

5.2. Leitura e resolução de abreviaturas

É frequente o uso de escrita taquigráfica, com o recurso a abreviaturas de diversos tipos. Podem abreviar-se letras, sílabas e conjuntos de letras, e palavras. Por vezes, surge confusão entre abreviaturas diferentes, embora muito semelhantes⁸.

Veja-se no exemplo n^o 43 a confusão entre os genitivos de dois dos chamados *nomina sacra*, πατρός e πνεύματος.

⁷ Outros códices (o Monacensis 8 e o Borbonicus II.E.5: vd. W7 105.19 n. 18) copiam fielmente o modelo Pa.

⁸ Ver uma lista de abreviaturas convencionais na escrita minúscula grega em Mioni, *Paleografia greca*, 96-99; B. A. van Groningen, op. cit., 34, 44-45, 46.

πῑϛ e πῑμϛ

Digno de menção é também o caso nº 44. Pa tem καὶ, sendo seguido por seus descendentes.

Porém, W7 p. 158 n. 5 nota que Pb tem ὡς, daí retirando a sua própria lição. E viu bem, pois Pb tem claramente ὡς ϛ (note-se o espírito rude). Além disso, avaliou correctamente, porquanto a lição correcta neste contexto é ὡς e não καὶ:

Lema St. 34.2-8]

Τοῦτο <sc. τὸ κακόπλαστον> ἀδυνάτου τάξιν ἐπέχει καὶ ἔστι παρ' ἱστορίαν. Πανταχόθεν μὲν γὰρ συνέστηκεν, μόνην δὲ τὴν πρὸς τὰ πρόσωπα ἐξέτασιν χωλεύουσιν ἔχει, διότι τοὺς τεθνεώτας ὡς ζῶντας ὑποτίθησι.

“Este tipo de questão <a mal-forjada> classifica-se na impossibilidade e está em contradição com a história. Ela constitui-se de todas as partes, mas compreende apenas um exame defeituoso relativamente às pessoas, porquanto no exemplo dado os mortos figuram como vivos” (cf. infra W7 158.12-17)

Esta suposição é corroborada mediante o confronto com Siriano⁹, fonte do escoliasta neste passo, que escreve:

Τοῦτο πανταχόθεν μὲν – διότι τοὺς τεθνεώτας ζῶντας ὑποτίθεται.

Pc, como se pode ver pelo quadro de colação, é totalmente omissa, pelo que sem qualquer utilidade aqui. Toda a confusão se deve à semelhança entre as abreviaturas de καὶ e de ὡς, que, por vezes, num traço mais rápido, podem mesmo confundir-se: as abreviaturas mais usuais são respectivamente ϛ e ϛ' / ϛ

O erro de leitura foi, portanto, de Pa.

⁹ C. Walz *Rhetores Graeci* vol. IV 173.26-174.2.

5.3. Variantes

5.3.1. PaPb contra Pc

Como se poderá conferir, dos exemplos listados, constituem a maioria. Provam significativamente a filiação de Pb no ramo de Pa, representando Pc um ramo separado. Há casos de omissões em Pc (exs. nº 1, 4, 19, 22, 23, 25, 38) contra PaPb; inversamente, em PaPb contra Pc (exs. nº 17, 35); e grande número de lições variantes, de que destacaria exs. nº 3, 10, 14, 15, 20, 36-43, 45. Outros casos prendem-se com hipérbatos (sobre este fenómeno se falará mais adiante). Em geral, são preferíveis as lições de Pa. Contento-me em comentar as seguintes variantes, que considero das mais significativas:

Nº 35: A omissão de PaPb deve-se a *salto do mesmo ao mesmo*. O escoliasta faz o seguinte comentário (W7 132.21-22):

*ἀλλὰ καὶ ἐπὶ τοῦ "συγκατασκευαζομένου" σχηματισμοῦ ἦτοι
"στοχασμοῦ"*

"mas também na figura cumulativa, ou seja, na conjectura".

ἦτοι "ou seja" é elemento explicativo, e introduz discurso metalinguístico, apropriado, portanto, em escólios. Hermógenes fala tão somente de uma "conjectura cumulativa" (συγκατασκευαζόμενος στοχασμός) em *St.* 58.2sqq., mas não de σχηματισμός "figura". É o escoliasta quem utiliza este termo, donde a necessidade de explicitar o que está ele precisamente a comentar em Hermógenes. O copista de Pa saltou de συγκατασκευαζομένου para στοχασμοῦ, omitindo σχηματισμοῦ ἦτοι, devido ao homeoteleuto σχηματισμοῦ... στοχασμοῦ.

Nº 28: Face à restrição imposta pelo complemento τῶν ἄλλων não é de aceitar o grau superlativo do adjectivo, mas sim o de comparativo, pelo que a lição correcta é a de Pc (ἀσθενέστερα) "mais fracas do que as outras" e não "as mais fracas das outras".

Nª 38: A lição correcta é a Pa (μὴ πιστεύειν): trata-se de citação de *St.* 33.5.

Nº 41: A lição correcta, neste caso, é igualmente a de Pc (ἀδύνατα), face a *St.* 33.9-11.

5.3.2. PcPb contra Pa

São quatro os casos de acordo de Pc e Pb contra Pa: n° 21, 24, 37 e 44. O n° 44 já foi comentado.

N° 24: A lição φησι em Pb é facilmente explicável, e pelas razões de Pc: ambos os copistas procuraram corrigir o que consideraram ser erro dos modelos, respectivamente Pa e Ω: φασί. No contexto, é objecto de comentário *St.* 29.17-18. O escoliasta faz-se eco de anteriores escólios a este passo de Hermógenes, contrapondo o seu próprio parecer (W7 121.7-11):

Ζητοῦσι δὲ τοῦτο· πῶς τὸ τοῦ μοιχοῦ πρόσωπον ἐν τοῖς διαβεβλημένοις τέταχθε. Διαβεβλημένα γάρ, φασί, καλεῖται τὰ μισούμενα, οὐχὶ τὰ κολαζόμενα· ὁ γὰρ μοιχὸς τῶν κολαζόμενων ἐστίν. Φαμέν οὖν πρὸς τοῦτο...

“Por que razão — pergunta-se —, atribui ele à pessoa do adúltero uma posição entre as infames? Chamam-se “infames” — afirmam eles — às pessoas a quem se odeia, não às que recebem punição. Ora o adúltero inclui-se entre aquelas que recebem punição. A isto respondemos nós...”

Efectivamente, o sujeito de φασί é o mesmo de ζητοῦσι: subentendido no contexto, refere-se aos escoliastas críticos de Hermógenes. É frequente o nosso escoliasta referir-se a eles desta forma subentendida, sem os nomear, nem sequer explicitar a entidade gramatical sujeito. Outras vezes, cita as suas opiniões mediante uma formulação elocutiva com sujeito indefinido, do género λέγουσί τινες (cf. u.g. W7 129.5-6 ὡς τινες... φασί, 132.2 Ζητοῦσι οὖν τινες... 132.17-18 ἀντιλέγουσι πρὸς τοῦτό τινες... φασί, 133.13 Ἐπιλαμβάνονται τινες..., 137.24 τινες ἐζητήκασιν..., etc.). De sorte que somente da consideração do contexto se pode deduzir a quem o Anónimo alude. Como, porém, διαβεβλημένα é uma categoria de πρόσωπα na teoria hermogeniana, e tendo presente este facto, o copista de Pc ou perdeu o nexos sintáctico com ζητοῦσι, ou conscientemente achou que a forma plural seria incorrecta, corrigindo para φησί, e entendendo a sequência διαβεβλημένα φησί como διαβεβλημένα καλεῖ ou λέγει [*sc.* ὁ Ἑρμογένης] “Hermógenes chama/designa...” A lição

φησί de Pb explicar-se-ia facilmente pelas mesmas razões. Face a tudo o exposto, a lição a editar é φασί.

Em apoio deste *iudicium*, podem consultar-se outros escoliastas, presumivelmente alguns daqueles cuja opinião o Anónimo comenta e contesta.

Por exemplo, segundo Marcelino W4 100.19-20:

ἀλλὰ λέγομεν ὅτι διαβεβλημένα ἐνταῦθα λέγει τὰ μισούμενα
“mas nós dizemos que aqui ele chama ‘infames’ às que se odeia”.

Sópatro W5 42.31-43.1 concorda:

διαβεβλημένα τὰ μεμισημένα
“infames são as que suscitam ódio”.

E, mais adiante (W5 43.15-16):

οἱ γὰρ μοιχοὶ οὐ κρίνονται, ἀλλὰ κολάζονται
“Com efeito, os adúlteros não são julgados, mas castigados”.

Nº 21 e 37: Sobre estes casos se falará mais adiante, por neles haver outro género de problemas.

5.3.3. PaPc contra Pb

O exemplo que se vai comentar é o nº 9. A perda do prefixo na cópia (ver também 42) ou a hesitação entre prefixos (ver nº 36) não são fenómenos estranhos nem de todo raros: frequente é *u.g.* a confusão προ- / προσ- cf. nº 45 e 46. O que o exemplo presente atesta é que quer Pa quer Pc foram fiéis à leitura de Ω, devendo-se o erro a Pb. Este erro pode ainda explicar-se pelo facto de no modelo (Pa) haver uma mancha de humidade que cobre precisamente o prefixo. Ainda assim, embora com alguma dificuldade, pode ler-se o prefixo ἐν-.

5.3.4. Variantes sintácticas: hipérbatos, anástrofes e transposições

Variantes deste género são de grande frequência. Notamos em especial o chamado *uitium byzantinum*, tendência dos copistas bizantinos para alterar a ordem das palavras num texto em iambos trágicos, de sorte

que os versos levassem acento na penúltima sílaba, à semelhança dos versos dodecassílabos bizantinos. Ora, estamos perante um texto em prosa, pelo que em rigor não se poderá falar aqui de um *uitium byzantinum*; acresce que nem sempre os hipérbatos considerados nos nossos testemunhos resultam em iambo, nem em penúltima sílaba acentuada. Aqui, trata-se mais bem de banais anástrofes e hipérbatos, cometidos no curso da leitura.

Em tais casos, escolhi via de regra a lição de Pa, prevendo a situação nos princípios de edição incluídos na introdução à edição do texto e dispensando-me de lançar as variantes no aparato. Ver nº 5, 6 (aqui o copista pôs τῆ ῥητορικῆ em genitivo τῆς ῥητορικῆς, por atracção de τῆς τέχνης, mas constitui erro, pelo contexto da frase), 26, 30.

5.4. Erros de leitura

Vamos seguidamente deter-nos no exemplo nº 13.

Constitui a variante separativa mais definitiva que nos permite concluir da dependência directa de Pb relativamente a Pa. A lição de Ω terá sido obviamente ῥιγώσας, forma de particípio aoristo de ῥιγώω “tremar de frio”. Sobre a letra γ Pa fez um traço recto horizontal (com acento), do seguinte modo: ῥ

Esta é uma das formas possíveis de abreviar α. Teríamos assim ῥιγάσας. Qual dos copistas errou: o de Pa ou o de Pb? É certo que o copista de Pb leu e entendeu ῥιγάσας, e desenha o á por extenso. Pc tem um traço curvo em forma de circunflexo sobre γ: este tipo de abreviatura é a mais comum para ω. Ter-se-á enganado Pa? De ordinário, o copista deste ms. trabalha com cuidado, surgindo assim a leitura ῥιγάσας como estranha e inusitada, com uma confusão rara entre abreviaturas de ω e α. Dar-se-á o caso de, tratando-se de um verbo contrato, conhecer uma conjugação de duplo ou triplo paradigma — fenómeno bem conhecido em grego, cf. ὀράω e as formas dialectais literárias ὀρέω et ὀρόω? Com efeito, no que concerne este caso particular, existem dois verbos cognatos ῥιγέω e ῥιγώω nos dicionários, mas não ῥιγάω.

Um fólio adiante, e muito próximas umas dos outros, encontram-se as seguintes duas leituras, com abreviação de $\acute{\omega}$ acentuado análogas: traço recto horizontal sobreposto à letra precedente:

W7		Pa 45r.49		Pb
120.16	σώματι		σώματι	70v.5 σώματι
120.18	προσώπων	45r.50	προσώπων	70v.6 προσώπων

Estas novas leituras são o indício seguro para a resolução do problema. Teremos que concluir que: (1) problema algum se coloca no concernente a Pa — exceptuando a confusão eventual das abreviaturas de ω e α ; (2) e que o copista tinha em mente precisamente $\acute{\rho}\iota\gamma\acute{\omega}\sigma\alpha\varsigma$ e não $\acute{\rho}\iota\gamma\acute{\alpha}\sigma\alpha\varsigma$. É certo que Pb interpretou $\acute{\rho}\iota\gamma\acute{\alpha}\sigma\alpha\varsigma$: o erro de leitura é seu, mas a ele foi induzido, estando em falta, contudo, quanto à responsabilidade de não ter procedido criticamente, controlando o léxico e a ortografia do texto que copiava. Os casos de σώματι et προσώπων, porém, são óbvios, tratando-se de palavras tão correntes e de um léxico básico grego que de modo algum poderia haver lugar a ler $\acute{\sigma}\acute{\alpha}\mu\alpha\tau\iota$ ou $\acute{\rho}\rho\omicron\sigma\acute{\alpha}\pi\omega\nu$. O copista de Pb leu estas formas em oblíquo, muito naturalmente, sem reparar no traçado preciso das abreviaturas. O caso de $\acute{\rho}\iota\gamma\acute{\omega}$, por conseguinte, é totalmente diferente.

Finalmente, poder-se-ia até, por comparação paleográfica de Pa e Pc, colocar a hipótese de que o traçado da forma $\acute{\rho}\iota\gamma\acute{\omega}\sigma\alpha\varsigma$ em Ω seria:

$\acute{\rho}\iota\gamma\acute{\omega}$

A variante de Pc no nº 39 é também uma confusão por erro de leitura, devido à semelhança na escrita minúscula entre os traços paleográficos de $\acute{\alpha}\pi\omicron$ e $\acute{\alpha}\upsilon\tau\omicron$. O modelo Ω teria o traço

$\acute{\alpha}\pi\omicron$

A haste anterior do π , ligada ao α , teria sido lida pelo copista de Pc como ligadura de α e ν , e a haste posterior, naturalmente, como um τ .

5.5. Variantes de edição e numeração de escólios

Há vários problemas a assinalar no tocante à transmissão do texto, que se prendem especialmente com edição de certos materiais textuais entre os Σ *maiora*, num dos testemunhos, e entre os *minora*, no outro.

Análise dos N^o 29, 31-34.

5.5.1. Como critério para todos os casos em que um dos testemunho transmite material textual entre os Σ *maiora* e o outro entre os *minora*, seguimos igualmente, e de forma sistemática, Pa.

5.5.2. Pc assinala marginalmente duas vezes Σ $\nu\gamma'$ e $\nu\delta'$

5.5.2.1. O primeiro grupo (f. 63r.38-63v.11) a tinta vermelha e em tamanho maior de letra (da forma habitual, como também Pa):

N^o 29 $\nu\gamma'$ τὰ μὲν οὖν — συνεμφαινόμενα.

N^o 32 $\nu\delta'$ διανύσας — ἀνάγεται.

5.5.2.2. O segundo grupo (f. 63v.40-64r.25), a tinta castanha, igual à do texto:

N^o 31 $\nu\gamma'$ δευτέραν — αἰτίας;

N^o 34 $\nu\delta'$ τὸ μεταξὺ — ἀναμφίλεκτα.

O copista inseriu o material 63r.38-42 a seguir ao Σ $\nu\beta'$, entre os Σ *maiora*, numerando-o como $\nu\gamma'$ (primeiro grupo) inc. τὰ μὲν οὖν — συνεμφαινόμενα. Em Pa, figura entre os Σ *minora*.

Por sua vez, numera o material 63r.42-63v.11 (διανύσας — ἀνάγεται) como $\nu\delta'$, sendo que em Pa figura (46v.7-36) como novo parágrafo do continuação Σ $\nu\delta'$, com outro lema e sinal de chamada de nota.

Seguidamente, insere o segundo grupo de Σ $\nu\gamma'$ e $\nu\delta'$, em concordância com Pa.

Em minha opinião, é Pa o testemunho que transmite mais fielmente o texto de Ω . A dupla numeração em Pc atesta certamente de desatenção do copista, que, ao dar-se conta da mesma, e não sendo possível eliminar todo o material copiado sem que se eliminasse um fólio inteiro, o remedeia, copiando os Σ $\nu\gamma'$ e $\nu\delta'$. Certamente tal explicará também por que razão o copista assinala marginalmente a numeração

destes escólios de forma menos cuidada, com a mesma tinta do texto, e não, como habitualmente, com tinta de cor diferente.

Em consequência, seguimos Pa, lançando no aparato as variantes de Pc.

5.5.3. O material nº 37 ἐπεί, φησίν — τὸ ἰσάζειν constitui um segundo parágrafo do Σ ξα' em Pa (ff. 47r.55-61) ao passo que, em Pc, vem depois do Σ νθ'. Pb apresenta a mesma ordenação, diferenciando-se do seu modelo Pa. Tal poderia sugerir que a cópia de Pb, neste ponto, tenha sofrido contaminação de Pc. A questão, contudo, é possivelmente outra: prende-se com a ordenação dos escólios em função dos respectivos lemas em *St*.

Os lemas são os seguintes:

Σ νθ' 31.9 sqq. θαυμάζω δὲ κ.τ.λ.]

Σ ξ' 31.13 sqq. οἶον πένης κ.τ.λ.]

Σ ξα' *ib.* καὶ πλούσιος κ.τ.λ.]

Σ ἐπεί, φησίν — τὸ ἰσάζειν 31.11 ἐρεῖ τι].

Este Σ (como muitos outros) não tem número como chamada de nota, mas um signo gráfico (é o sistema de todos os Σ *minora*). Creio que o copista de Pb, ao transportar este material para depois do Σ νθ', pensava colocá-lo no lugar correcto, em função do texto de *St*. Trata-se, pois, de correcção deliberada relativamente ao modelo, e não de contaminação de Pc. Não temos nenhum outro indício que sustente a hipótese de contaminação. Por este motivo, cientificamente deve considerar-se como mais provável a hipótese que congregue o maior número e melhor qualidade de indícios favoráveis. E esta, como reiteradamente temos visto, é que Pb seja cópia directa de Pa.

Em conclusão, penso que a edição dos Σ deverá seguir esta ordenação, e não a de Pa. W7. Seguiu Mb, um apógrafo de Pa ff. 151v. 27-152r.10 que teria copiado sem quaisquer alterações. É W7 quem integra este material no Σ ξα'.

5.6. *Constitutio textus* a partir das fontes

Nº 3 e 4: Definição de τυχνη (W7 104.21-22). A fonte é estóica (Von Arnim *SVF* I 21 frg. 73 et II 30-31 frgs. 93-97):

σύστημα ἐκ καταλήψεων συγγεγυμνασμένων πρὸς τι τέλος εὐχρηστον ἐν τῷ βίῳ.

“um sistema que se baseia em princípios apreendidos e submetidos a exercitação, com vista a um fim proveitoso para a vida”

É de crer que Ω tivesse σύστημα ἐγκαταλήψεων γεγυμνασμένων κ.τ.λ. Walz 104.21 vide n. *ad locum* cf. também 106.17, 107.10, 11 sqq. e 108.3, 108.5.

O copista de Pa de início escreve ἐγκαταλήψεων. Depois, provavelmente ao rever o seu trabalho (chamo-lhe Pa¹), corrige o prefixo ἐγ (ἐν) sobre a linha (s.l.) para: ἐκ como preposição com καταλήψεων. Fá-lo as três vezes. Pb copia aceitando a correcção. Pc copia como lera no modelo.

A definição estóica tinha συγγεγυμνασμένων, com prefixo συν-. ἐγγεγυμνασμένων em Pc explicar-se-ia como ditografia (repetição de letras ou sílabas) por influência de ἐγκαταλήψεων, motivada por homeoarto: o oposto de homeoteleuto, ocorre quando duas palavras começam pelas mesmas letras e gera omissão ou repetição de letras.

O confronto com a fonte estóica, enquanto testemunho essencial, mas também com os textos de Hermógenes *St.* 28.5 συγγυμνασθέντα e dos escólios *ad locum* de Sópatro (W4 47.10 = W5 18.10-11), leva-me a editar σύστημα ἐκ καταλήψεων <συγ>γεγυμνασμένων (em que <...> assinala os caracteres que, segundo o *iudicium* do editor, se devem inserir).

Nº 21 (W7 114.15-18; citação de Demóstenes *II Olint.* 3.10).

*οὐ γάρ ἐστιν, οὐκ ἐστιν, ἀδικοῦντα καὶ ἐπιπορκοῦντα καὶ ψευδο-
μενον δύναμιν βεβαίαν κτήσασθαι*

“não podem, não podem, nem o injusto, nem o perjuro nem o mentiroso adquirir uma autoridade segura”.

Pc cita correctamente da fonte, mas não Pa. Pb corrige certamente por confronto com o texto de Demóstenes. A lição a editar é portanto δύναμιν. A variante γνώσιν de Pa fica por explicar.

Após οὐκ ἔστιν, Demóstenes tem o vocativo ὦνδρες Ἀθηναῖοι. Não considero, porém, obrigatória a restituição deste segmento textual, pela vulgaridade deste tipo de omissões.

5.7. Problemas ecdóticos

Grande parte destes problemas são correntes. Não há, por isso, razão para que as variantes figurem no aparato. Este deve ser o mais legível e breve possível, ainda que sem prejuízo da sua clareza. Ao editor cabe, no entanto, informar introdutoriamente, nos princípios da edição, que tais casos existem e que ele simplesmente os normaliza¹⁰.

5.7.1. -ν efclicístico

Paleograficamente, confundiam-se por vezes as abreviaturas de -ε e -εν, certamente por analogia com as formas verbais, em advérbios ou conjunções como δὲ ou ὅτε, onde tal alternância não se justifica segundo o sistema da língua ζ : cf. W7 109.17 ἔστιν ὅτε Pc 60v.31 ζ ὅτε.

Tal levar-nos-ia a escolher caso a caso, o que seria extremamente complicado. O critério que reputamos mais adequado, por obviar a tais confusões e por parecer o mais verosímil e intuitivo para o falante e leitor comum de grego — apesar de algumas oscilações —, é o de uma normalização sistemática tal como:

5.7.1.1. -ν em contexto de sílaba aberta (precedendo palavra iniciada por vogal, mesmo que em fim de frase ou Σ).

5.7.1.2. Omissão em contexto de sílaba fechada (precedendo palavra iniciada por consoante, mesmo que em fim de frase ou Σ).

¹⁰ Em geral, segui as normas constantes de *Règles et recommandations pour les éditions critiques (série grecque)* (Paris 1972) 23 sqq.

5.7.2. γιν-/γιγν- e γίν-/γίγν-

São os casos de formas e dos verbos γί(γ)νομαι e γι(γ)νώσκω. Preferiu-se sistematicamente a ortografia mais frequente nos nossos testemunhos: a sincopada.

5.7.3. -ττ-/-σσ-

Adoptou-se sistematicamente a norma ática -ττ-, também a mais frequentemente atestada. Não obstante, Pa apresenta grafia -σσ- para o numeral cardinal *quatro*, preferindo Pc grafia abreviada, isto é, o uso do respectivo algarismo (δ').

Exceptuam-se desta alternância gráfica nomes próprios; *u.g.*: πα'.6 Ὀδυσσεάου πδ'.9 τήν Ὅσσαν.

6. Determinação do *stemma codicum* a partir de erros ou variantes “separativas” e “conjuntivas”

Com base no exame a que se procedeu, seria possível estabelecer o *stemma codicum* constante do ANEXO II.

Ω representa o arquétipo perdido da tradição dos escólios. Este ms. seria um minúsculo, e nunca um uncial, porquanto boa parte das variantes que analisámos (casos de abreviaturas; o ex. n. 39) só se explicam face à escrita minúscula.

De Ω derivam Pa e Pb, ambos do séc. XI. Pc figura como único representante do seu ramo de tradição¹¹. De Pa, por sua vez, derivam vários apógrafos, o mais antigo dos quais é Pb¹². As linhas que unem os mss. representam relações de descendência na tradição do texto.

¹¹ S. Glöckner, loc. cit.

¹² Cf. C. W7, *praefatio* p. III; H. Rabe “Rhetoren-Corpora”, 324, S. Glöckner, loc. cit. De Pa dependem ainda outros, entre outros, os seguintes mss.: Ambrosianus sup. P 34 [graecus 617] (Milão, Biblioteca Ambrosiana), papel, séc. XV-XVI (Aa), Monacensis 8 (Munique, Bayerische Staatsbibliothek), papel, séc. XVI (Mb), Borbonicus (=Farnesinus) II.E.5 (Nápoles, Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele III), séc. XIII (Ne), Palatinus Graecus 23, Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, séc. XIII (Vh). Todavia, Vh não depende por certo directamente de Pa, mas de um ms. muito próximo deste. Mb, por seu turno, seria apógrafo de Vh. Assim pensa H. Rabe, loc. cit. n. 1 (citado por S. Glöckner, op. cit., 7 n. 1). Os mss. utilizados por W7 são: Pc, Pb, Ne, Mb e só episodicamente Pa (cf. *praefatio loc. cit.*). Além destes mss., deve mencionar-se ainda outros que contêm a totalidade ou parte dos escólios W7 104-696: Matritensis 4579 (Madrid, Biblioteca Nacional), séc. XV, ff. 182 (excerto W7 402-

7. Conclusão

Já Hugo Rabe havia determinado que os mss. Pa e Pc representam uma mesma família (*classis*) de códices, que designou por P¹³. Este dois mss. são cópias independentes de um mesmo modelo desaparecido (que designámos por Ω), facto que as variantes separativas comprovam. Demonstrou-se ainda que Pa é modelo de Pb. Esta conclusão é induzida pelo maior número como também pela qualidade de variantes conjuntivas de Pa e Pb, e que separam de Pc estes dois mss.

O caminho seguido nesta exposição foi duplo: partindo por dedução, da determinação das questões gerais para a análise das pontuais; e concluindo por indução, remontando às grandes questões gerais. Procurou-se informar sobre alguns dos meios que conduzem o editor a tomar decisões concernentes à forma final do texto e como a este se chega.

-413), Vaticanus Graecus 2228 (Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana), séc. XIV, ff. 122-190v (lacunas em relação à edição W7).

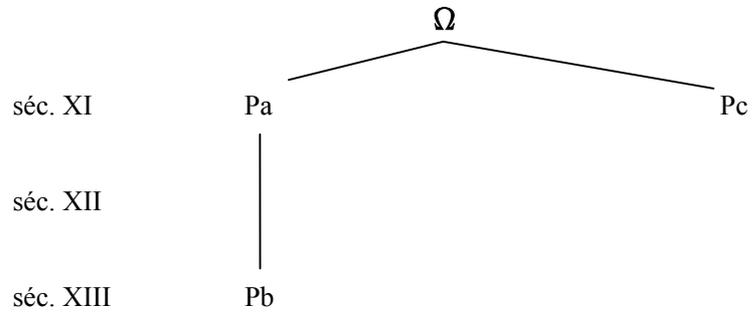
¹³ Cf. H. Rabe *RhM* 62 (1907), 560; “Rhetoren-Corpora”, *RhM* 67 (1912) 322-357, esp. 232-332. Vd. também a sua edição de *corpus* hermogeniano *Hermogenis opera. Rhetores Graeci* vol. VI (Leipzig 1913) [reimpressão Estugarda 1969], 28-92; *praefatio* III-IV, XIII-XV, XX.

ANEXO I
SIGLAS

- W7 = Christian WALZ, *Rhetores Graeci* vol. VII, Estugarda e Tübingen, 1832-1836, pp. 104.1-245.4 (escólios anónimos a Herm. *St.* capítulos I-XVI).
- St.* = Περὶ στάσεων (lat. *De statibus* port. *Sobre os estados de causa*) de Hermógenes: Hugo Rabe (ed.), *Hermogenis opera. Rhetores Graeci* vol. VI, Leipzig, Teubner, 1913 [reimpressão Estugarda 1969], pp. 28-92.
- Σ = σχόλιον / σχόλια lat. *scholium* / *scholia* port. escólio(s).
- ms(s). = manuscrito(s).
- cod(d). = códice(s), lat. *codex* (*codices*). Quando se trabalha com manuscritos medievais (em geral a partir do séc. III d.C.), “manuscrito” e “códice” designam de ordinário o mesmo objecto, tornando-se termos de uso quase equivalente.
- f(f). = fólio(s)
- r/v = fólio recto / verso. No livro moderno, correspondem respectivamente às páginas ímpar e par.
- Ω = Arquétipo perdido da família **P**. A ele se pode remontar pelo acordo das lições de todos os testemunhos disponíveis.
- P** = Família de mss. cujos representantes são Pa e Pc.
- Pa = Parisinus graecus 1983 (Paris, Bibliothèque Nationale de France) pergaminho, 260 x 215 mm, séc. XI, 295 ff. (escólios W7 104.1-245.4 = ff. 44r-59v.54).
- Pa¹ = Lugares corrigidos pela primeira mão (a do próprio copista).
- Pa² = Lugares corrigidos posteriormente por uma segunda mão (de outro leitor-revisor).
- Pc = Parisinus graecus 2977 (Paris, Bibliothèque Nationale de France), perg., 232 x 169 mm., séc. XI, 344 ff. (escólios W7 104.1-245.4 = ff. 60r-79v.47) = sigla Par.1 W7.
- Pc¹ = Lugares corrigidos pela primeira mão (a do próprio copista).
- Pb = Parisinus graecus 2916 (Paris, Bibliothèque Nationale de France), papel, 340 x 250 mm., séc. XIII, 435 ff. (escólios W7 104.1-245.4 = ff. 68r-95r.9) = sigla Par.2 W7.

ANEXO II

STEMMA P CLASSIS CODICVM



ANEXO III

TABVLA COLLATI ONIS

n°	W7	Pa	Pc	Pb
1	104.16 ἀντὶ τοῦ γένους	44r.4 ἀντὶ τοῦ γένους	60r.6 τοῦ om.	68r.7 ἀντὶ τοῦ γένους
2	104.17 εἰδικαῖς	44r.4 ἰδικαῖς	60r.6 εἰδικαῖς	68r.8 ἰδικαῖς
3	104.21 ἐγκαταλή- ψεων	44r.5 ἐκ καταλή- ψεων s.l. cf. 44r.21 corr. Pa ¹ ἐγκατ.	60r.8 ἐγκαταλή- ψεων 60r.37sq cf. 60r.45	68r.9sq ἐκ καταλή- ψεων 68r.35 cf. 68v.1
4	104.21 γεγυμνασ- μένων	44r.6 γεγυμνασ- μένων	60r.8 ἐγγεγυμνασ- μένων	68r.10 γεγυμνασ- μένων
5	105.6 τέχνην τὴν ῥητορικὴν	44r.7 τέχνην τὴν ῥητορικὴν	60r.13sq τὴν ῥητορι- κὴν τέχνην	68r.13 τέχνην τὴν ῥητορικὴν
6	105.9 τῆς τέχνης τῆ ῥητορικῆ	44r.8 τῆς τέχνης τῆ ῥητορικῆ	60r.17sq τῆ ῥητορικῆ τῆς τέχνης	68r.14 τῆς τέχνης τῆς ῥητορικῆς
7	105.19 ἔστι	44r.10 ἔστι	60r.30 ἔστη	68r.21sq ἔσται
8	106.1 εἶδος	44r.11 εἶδος	60r.31 μέρος	68r.22 εἶδος
9	106.22 τῶν θεωρου- μένων	44r.17 τῶν [ἐν]θεω- ρουμένων	60r.40 τῶν ἐνθεω- ρουμένων	68r.38 τῶν θεωρου- μένων
10	106.24 τῶν ὀκτώ μερῶν	44r.17 τῶν ἢ μερῶν	60r.41 τῶν ζ' μερῶν	68r.39 τῶν ὀκτώ μερῶν
11	107.4 φήσαιμεν	44r.18 φήσαις Pa ²	60r.43 φήσαιμεν	68r.41 φήσαιμεν
12	107.9 αὐτὴν	44r.21 αὐτὰ	60r.45 αὐτὴν	68v.1 αὐτὰ
13	107.13 ῥιγώσας	44r.24 ῥιγώσας	60r.47 ῥιγώσας	68v.2 ῥιγώσας
14	107.23 ὑπέστη	44r.30 ὑπέστη	60v.3 συνέστη	68v.6 ὑπέστη
15	108.12 προσέθηκε	44r.40 προσέθηκε	60v.9 προστέθεικε	68v.12 προσέθηκε
16	109.7 τέλεσι	44r.44 τέλεσι	60v.24 τέλεσι s.l. Pc ¹ : κάλλεσι	68v.26 τέλεσι
17	110.15 διαιρέσεως λέγειν	44r.55 διαιρέσεως om.	60v.40 διαιρέσεως λέγειν	68v.39 διαιρέσεως om.
18	111.22 εὐκρίνειαν	44r.63 εὐκρίνειαν	61r.2 εὐκρίνοιαν	69r.11 εὐκρίνειαν
19	111.23- -24 διαφόρους ἐννοίας om.	44r.64 διαφόρους ἐννοίας καὶ διαφόρους μεθόδους	61r.3 ἐννοίας om.	69r.12sq διαφόρους ἐννοίας καὶ διαφόρους μεθόδους
20	112.4 περὶ τούτου	44v.1 περὶ τούτου	61r.5 ἀπὸ τούτου	69r.16 περὶ τούτου
21	114.17 δύναμιν	44v.28 γνῶσιν	61r.39 δύναμιν	69v.7 δύναμιν
22	115.24- -27 τοῦτο οὖν - νομίζεται	44v.44- -45 τοῦτο οὖν - νομίζεται	61r.48 om.	69v.17- -18 τοῦτο οὖν - νομίζεται
23	117.11- -17 νῦν - τὰ κοινά	45r.1-4 νῦν - τὰ κοινά	61v.13 om.	69v.41- 70r.3 νῦν - τὰ κοινά
24	121.9 φησι	45r.58 φησι	62r.22 φησι	70v.25 φησι
25	122.25- -123.1 ἢ γελᾶται καὶ καλεῖται ἠθικὰ	45v.20 sq ἢ γελᾶται καὶ καλεῖται ἠθικὰ	62r.50 om.	71r.4 ἢ γελᾶται καὶ καλεῖται ἠθικὰ

Aventuras de um editor de textos críticos gregos

26	123.12	ταῦτα μόνα ἠθικὰ	45v.41	ἠθικὰ ταῦτα μόνα	62v.2	ταῦτα μόνα ἠθικὰ	71r.9	ἠθικὰ ταῦτα μόνα
27	124.8	εἰσι	45v.52	εἰσι	62v.11	ἔστι	71r.20	εἰσι
28	125.31	ἀσθενέσ- τατα	46r.21sq.	ἀσθενέσ- τατα	62v.44	ἀσθενέσ- τερα	71v.7	ἀσθενέσ- τατα
29		om.	46r.1a- 25a	in Σ min. τὰ μὲν οὖν - καὶ τὰ τού- τοις συνεμ- φαινόμενα inser.	63r.38- 42	Σ νγ' τὰ μὲν οὖν - καὶ τὰ τού- τοις συνεμ- φαινόμενα.	71v.1a- 9a	in Σ min. τὰ μὲν οὖν - καὶ τὰ τούτοις συνεμφαι- νόμενα inser.
30	128.3	ἀπένειμε τάξιιν	46v.1	ἀπένειμε τάξιιν	63r.22	τάξιιν ἀπέ- νειμε	72r.10	ἀπένειμε τάξιιν
31	128.18- -20	Σ νγ' δευ- τέραν - αἰτίας	46v.5sq.	Σ νγ' δευ- τέραν (τρί- -την Pa ²) - αἰτίας	63v.40sq.	Σ νγ' δευ- τέραν - αἰτίας	72r.17- -19	Σ νγ' δευ- τέραν - αἰτίας
32	128.21- -130.15	διανύσας - ανάγεται	46v.7-36	διανύσας - ανάγεται	63r.42- -63v.11	Σ νδ' δια- νύσας - ανάγεται	72r.19- -72v.5	διανύσας - ανάγεται
33	130.16- -131.25	ἑβδοματικὴν - ἔξετασθή- ναι	46v.37- -52	ἑβδοματικὴν - ἔξετασθή- ναι	63v.11- -40	ἑβδοματικὴν - ἔξετασθή- ναι	72v.6-32	ἑβδοματικὴν - ἔξετασθή- ναι
34	131.26- -133.2	Σ νδ' τὸ με- ταξὺ -ἀναμ- φίλεκτα	46v.52- -62	Σ νδ' τὸ με- ταξὺ -ἀναμ- φίλεκτα	63v.41- -64r.5	Σ νδ' τὸ με- ταξὺ -ἀναμ- φίλεκτα	72v.32- -73r.9	Σ νδ' τὸ με- ταξὺ -ἀναμ- φίλεκτα
35	132.21- -22	συγκατασ- κευαζομέ- νου σχημα- τισμοῦ ἦτοι στοχασμοῦ	46v.59	σχηματισ- μοῦ ἦτοι om.	64r.2	συγκατασ- κευαζομέ- νου σχημα- τισμοῦ ἦτοι στοχασμοῦ	73r.5	σχηματισ- μοῦ ἦτοι om.
36	133.11	ἀφάνεια	47r.4	ἐμφάνεια	64r.8	ἀφάνεια	73r.16	ἐμφάνεια
37	136.29- -137.15	ἐπεί, φησιν- τὸ ισάζειν al. Σ post Σ ξα'	47r.55- -61	ἐπεί, φησιν- τὸ ισάζειν al. Σ post Σ ξα'	64v.6-13	ἐπεί, φησιν - τὸ ισάζειν al. Σ post Σ νθ'	73v.25- -34	ἐπεί, φησιν- τὸ ισάζειν al. Σ post Σ νθ'
38	138.17	μὴ πιστεύ- ειν	47v.12	μὴ πιστεύ- ειν	64v.46	μὴ om.	74r.23	μὴ πιστεύ- ειν
39	139.3	ἀπὸ γὰρ	47v.17	ἀπὸ γὰρ	65r.2	αὐτὸ γὰρ	74r.32	ἀπὸ γὰρ
40	139.17	ὅπῃ τύχοι	47v.31	ὅπῃ τύχοι	65r.8	ὅπῃ τύχη	74r.38	ὅπῃ τύχοι
41	141.17	ἀδύνατα	47v.59sq.	ἀθάνατα	65r.47	ἀδύνατα	74v.36	ἀθάνατα
42	141.22	προδιέγνωσ- ται	47v.61	προδιέγνωσ- ται	65r.49	προέγνωσ- ται	74v.39	προδιέγνωσ- ται
43	156.16	πατρός	49v.45	πατρός	67v.6	πνεύματος	78r.6	πατρός
44	158.10	ὡς ex Pb	50r.6	καὶ	57v.45	om.	78r.35	ὡς
45	175.29	προάγουσα	52r.8	προάγουσα	70v.6	προσάγουσα	82r.4	προάγουσα
46	184.16	πρόσκειται	52v.48	πρόσκειται	71v.22	πρόκειται	83v.28	πρόκειται

* * * * *

Resumo: Como se chega ao texto editado? Neste estudo pretende-se dar conta, de modo prático, de uma experiência sobre problemas que ao editor crítico se podem colocar, num texto concreto: os escólios anónimos Walz vol. VII 104-245 a Hermógenes de Tarso, Περὶ στάσεων.

Palavras-chave: códice/manuscrito, apógrafo, testemunho, *collatio*, *recensio*, *iudicium*, variante/lição, erro, *constitutio textus*, *stemma*, crítica textual, paleografia grega, ecdótica, aparato crítico.

Resumen: ¿Cómo se llega al texto editado? En este estudio se pretende dar cuenta, de modo prático, de una experiencia sobre problemas que le pueden surgir al editor crítico en un texto concreto: los escolios anónimos Walz vol. VII 104-245 a Hermógenes de Tarso, Περὶ στάσεων.

Palabras clave: códice/manuscrito, apógrafo, testimonio, *collatio*, *recensio*, *iudicium*, variante/lección, error, *constitutio textus*, *stemma*, crítica textual, paleografía griega, ecdótica, aparato crítico.

Résumé: Comment parvient-on au texte édité? Grâce à ce travail, nous allons pouvoir faire connaître, de façon pratique, les problèmes posés à l'éditeur critique dans un texte précis: les scolies anonymes Walz vol. VII 104-245 à Hermogènes de Tarsus, Περὶ στάσεων.

Mots-clé: Manuscrit; apographe; témoignage; *collatio*, *recensio*, *iudicium*, variante/leçon; faute; *constitutio textus*, *stemma*, critique textuelle; paléographie grecque; ecdotique; appareil critique.